

Discurso, sujeito e História: um estudo de enunciados sobre professor

Discourse, subject and History: a study on the statements
about teachers

Odália Bispo de Souza e Silva

Kátia Menezes de Sousa

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

Resumo: Este artigo busca promover uma reflexão acerca dos ditos sobre o professor e sobre a forma como ele foi objetivado no recorte aqui proposto. Nesse caso, colocaremos em evidência as diversas nuances que envolvem a construção das práticas discursivas, procurando reconhecer que essa profissão foi submetida a diferentes concepções, conforme as mudanças que ocorrem nas esferas social, histórica e ideológica de nossa sociedade. Consideramos que, se há mudanças nas práticas sociais, há transformações nos dizeres acerca do professor, o que permite pensar que os atos de linguagem, que manifestam os valores de uma sociedade, são historicizados e movem-se conforme dispositivos socioculturais.

Palavras-chave: Professor. História. Sentido.

Abstract: This article aims at promoting a reflection on the sayings about teachers and about how they are objectified in the framework proposed herewith. Thus, the nuances that comprise the construction of discourse practices will be highlighted, in recognition of the different conceptions to which the profession has been submitted, in keeping with social, historical and ideological changes of society. It is reckoned that there being changes in social practices, there will be likewise transformations in the sayings about teachers, making it possible to propose that language acts, which express the values of a society, are historicized and move on according to sociocultural devices.

Keywords: Teacher. History. Meaning.

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

340

Tendo em vista as mudanças sócio-históricas e, por conseguinte, as alterações na maneira de compreender a sociedade, os indivíduos e suas respectivas ações, propomos, neste artigo, apresentar uma descrição seguida de análise interpretativa de alguns enunciados discursivos sobre o *professor*¹. Partimos do princípio de que esse profissional constituiu-se como um dos mais importantes agentes sociais e responsável por inculcar no outro – o aluno – formas de pensamento diversas, novas atitudes, além de sua tarefa principal, que é proporcionar-lhe situações de ensino-aprendizagem. Compreendemos que essa profissão, assim como várias outras, tem sido ressignificada, e isso comparece nos dizeres provenientes de variados lugares. Desse modo, estabelecemos um recorte de enunciados sobre o *professor* veiculados pelo jornal *Folha de São Paulo* (arquivo digital) e materializados no *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1964), a fim de analisar modos de significação adquiridos por essa profissão durante esse período.

Considerando-se a perspectiva discursiva dos enunciados em torno do professor brasileiro e tendo em vista aspectos de ordem política, histórica, social e ideológica, este estudo possui como objetivo central descrever e analisar as determinações de tais fatores, que comparecem na constituição dos enunciados acerca da profissão *professor*. Além disso, objetivamos ainda promover uma descrição das alterações semânticas ocorridas nos discursos sobre *professor*, conforme as mudanças na instauração de enunciados diversos em importantes instituições da sociedade, tais como na escola, na igreja, na política etc.; e analisar o modo como as relações de poder e saber, que funcionam como dispositivos historicamente constituídos, comparecem nos discursos sobre *professor*.

Para alcançar tais objetivos, baseamo-nos na possibilidade de, com base no referencial teórico descrito a seguir e na análise dos dados, responder a perguntas como: que aspectos podem ser destacados nos enunciados sobre *professor* como resultantes de determinações sociais e históricas? Que saberes comparecem e determinam o jogo de relações efetuado pelos sujeitos e que lhes autorizam a dizer certas coisas em certos momentos? De que forma os discursos produzidos na escola, na

1 Em função do espaço e dos objetivos deste trabalho, utilizaremos alguns dados, selecionados de forma aleatória, da década de 60, publicados na *Folha de São Paulo*, e o verbete “professor” materializado em um dos mais importantes dicionários publicados nesse período. Destacamos, ainda, que este trabalho consiste em parte da pesquisa de doutorado em andamento de Odália Bispo de Souza e Silva.

igreja, no cenário político nacional etc. interferem na construção dos sentidos veiculados pelos discursos produzidos sobre *professor* no *corpus* selecionado?

Para dar sustentação teórica ao que estamos nos propondo a analisar e buscando responder às perguntas citadas, baseamo-nos em alguns postulados de Michel Foucault sobre como se constituem a história, as sociedades e os sujeitos. Nesse caso, buscamos estabelecer uma relação entre o que Foucault propõe para a análise do sujeito e dos enunciados e a forma como os dizeres sobre o *professor* comparecem materializados em meios de comunicação importantes para a sociedade brasileira.

Além disso, tendo em vista que o dicionário, ocupando uma posição de obra de referência, configura-se como um lugar privilegiado de sustentação das evidências do sentido, podemos propor que ele funciona como um “respeitado” instrumento de materialização e de legitimação dos discursos. Neste estudo, destacaremos o enunciado lexicográfico *professor* extraído do *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (PDBLP), partindo do princípio de que ele – o enunciado lexicográfico – se constitui como acontecimento discursivo, construído a partir de um conjunto de regras que compõem a condição de emergência de um dado discurso, condicionado por regras que lhe são internas e também por elementos não discursivos. Logo, “um mesmo acontecimento pode ser disperso por várias tramas e, ao mesmo tempo, dados pertencentes a categorias heterogêneas – o social, o político, o religioso... – podem compor um mesmo acontecimento” (VEYNE, 1998, p. 44).

Visto dessa forma, não podemos considerar as palavras dicionarizadas como elementos estanques nem a língua que o dicionário representa como um instrumento neutro, desvinculado do sujeito que a enuncia. Isto é, o enunciado lexicográfico contempla a noção de acontecimento discursivo e pressupõe a relação entre os dizeres que, no entrelaçamento que os caracteriza, promovem rupturas e viabilizam sentidos a partir das possibilidades enunciativas que os encerram.

Sujeito, sentido e História: os emaranhados de uma rede

Mesmo tendo ciência de que Foucault não estava interessado em construir uma teoria do discurso, podemos afirmar que suas temáticas centrais foram fecundas para as pesquisas linguísticas ocupadas com o dis-

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

342

curso, além de serem amplas, envolvendo as relações entre os saberes e os poderes na história da sociedade ocidental. No entanto, na sua análise da forma como a História se constitui, concebe o enunciado discursivo como sendo produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas, daí o inevitável imbricamento entre sujeito enunciador e história instaurado na enunciação. Nesse caso, o sujeito é pensado como um construto realizado, historicamente, por práticas discursivas: “O enunciado não é, em si mesmo, uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2008, p.98).

Em *A arqueologia do saber* (2008), Foucault afirma que “não há enunciados livres, neutros ou independentes” (p. 112), haja vista que eles fazem parte de um conjunto ou rede, desempenhando determinados papéis e integrando-se a um jogo enunciativo. Nessa perspectiva, existem *a priori* históricos, isto é, aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro (FOUCAULT, 2008). Tais elementos constituem aquilo que autoriza campos de saber diversos e que viabiliza a emergência de certos discursos sustentados e reconhecidos como verdadeiros. Os discursos, por sua vez, caracterizam-se como regularidade, como prática que se dá numa certa disposição, produzidos conforme determinadas regras de formação, isto é, regras que comportam os objetos, os conceitos, as modalidades de enunciação e as escolhas temáticas (FOUCAULT, 2008).

São esses aspectos que condicionam a existência, a manutenção, a modificação e o desaparecimento de determinados discursos, daí a importância de se colocar em evidência as relações discursivas que se instauram no momento mesmo da sua emergência. Essas relações estão, conforme Foucault (2008, p. 51), “de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes, determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos [...]”.

Assumir o discurso como sendo situado num jogo de enunciados possíveis em dada rede é vê-lo na perspectiva de acontecimento discursivo. Logo, emerge a necessidade de determinar as suas condições

de existência, reconhecer seus limites e estabelecer correlações com outros enunciados aos quais ele eventualmente possa estar vinculado, evidenciando, portanto, que outras formas de enunciação ele exclui. O que é enunciado em uma dada manifestação discursiva representa conjuntos discursivos que apenas teriam permanecido implícitos, não sendo, entretanto, inteiramente novos, uma vez que há um número de relações que podem ser determinadas a partir de sua irrupção.

Apresentamos, a seguir, um trecho do pronunciamento do então governador de São Paulo Ademar de Barros, extraído do jornal *Folha de São Paulo*, publicado em 15 de outubro de 1963. Nesse texto, o governador presta homenagem aos professores da rede estadual de ensino, em comemoração ao Dia do Professor. O fragmento destacado constitui-se como parte de uma reportagem que noticiava a greve dos professores por aumento salarial e por melhores condições de trabalho:

Discurso,
sujeito e
História

343

Ao esclarecido professorado de S. Paulo – a quem o Estado e o país devem os mais assinalados serviços na formação da nossa infância e juventude, e na *defesa de nossas instituições democráticas e tradições cristãs* – As minhas saudações mais afetuosas no Dia do Professor. Abraço ao professor paulista nesta data tão expressiva, *certo de que cumprirá a sua missão*, confiante na ação do governo e *oferecendo assim o exemplo de equilíbrio que a cultura lhe empresta* para que de nosso diálogo se beneficie a nobre classe, o nosso povo e o poder constituído, a bem da continuidade democrática de São Paulo. (*Folha de São Paulo*, 15 out. 1963, 1º caderno, p. 26, grifos nossos).

Na mesma reportagem, destacamos também o discurso da União Paulista dos Estudantes Secundários (UPES), que, apoiando a greve dos professores, expressa sua gratidão ao professor paulista em comemoração ao Dia do Professor:

Prestar ao professor – ao mestre – a maior homenagem que lhe poderia tributar, no momento: oferecer o mais irrestrito apoio da classe estudantil ao movimento justo empreendido pelo magistério paulista e exige do governo do estado o rápido atendimento das reivindicações apresentadas. A UPES em nome dos estudantes paulistas presta sua homenagem *ao mestre que dedica sua vida e trabalho buscando uma recompensa espiritual*, nem sempre alcançada: àquele que luta pela melhoria de suas condições,

até hoje, infra-humanas, porém, que se dedica e oferece seu amor a nós, seus segundos filhos. (UPES, *Folha de São Paulo*, 15 out. 1963, 1º caderno, p. 26, grifos nossos).

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

344

Na perspectiva foucaultiana, tomar o discurso como acontecimento enunciativo é reconhecer que ele não é independente, nem solitário, nem soberano. Nesse caso, o discurso pode se articular com acontecimentos que não são, necessariamente, de natureza discursiva, “mas que podem ser de ordem técnica, prática, econômica, social, política” (FOUCAULT, 2008, p. 94), isto é, há um jogo de relações que emanam do campo dos acontecimentos discursivos. Podemos, então, descrever tais jogos de relações, considerando, evidentemente, um conjunto de condições em que está inserido o sujeito enunciador e que tornam possíveis e valorativos determinados acontecimentos discursivos em uma dada cultura.

Visto dessa forma, tomamos os pronunciamentos citados como acontecimentos discursivos. Embora os sujeitos desses enunciados pertençam a lugares sociais distintos – governador é diferente de aluno universitário –, os elementos imbricados nesses discursos parecem remeter a uma mesma esfera de significados. Isto é, os dizeres são historicizados e, ao serem enunciados, não escapam a essa determinação histórica. Há, nesses discursos, traços de que os seus respectivos sujeitos já possuem determinado o que pode ser dito sobre o professor, em decorrência dos valores sociais e políticos inerentes a esse momento histórico específico².

Tendo em vista que a escola, sobretudo a escola pública, constituiu-se como um *locus* fundamental no qual se operam as diretrizes e os modelos educacionais para a efetivação dos discursos de poder, podemos inferir que os enunciados aqui retomados reproduzem uma concepção de educação, de ensino e, por conseguinte, de professor em consonância com as determinações políticas, sociais e históricas impostas a essa sociedade, nesse recorte histórico.

Tomando-se, por exemplo, os trechos “[...] defesa de nossas instituições democráticas e tradições cristãs”; “[...] certo de que cumprirá a

2 O Brasil, nesse ano especificamente, vivencia o último ano do governo democrático de João Goulart. No ano seguinte, 1964, os militares deporiam o então presidente da República, o que culminou, conforme se sabe a partir dos contundentes relatos históricos, no início de um intenso período de ditadura militar.

sua missão” – extraídos do pronunciamento do governador; “[...] mestre que dedica sua vida e trabalho buscando uma recompensa espiritual”; e “[...] se dedica e oferece seu amor a nós, seus segundos filhos” – extraídos do discurso do representante da UPES, utilizados para enaltecer a figura do professor, verificamos que há uma concepção bastante evidente do papel do sujeito professor nessa sociedade: exerce a profissão como um sacerdote, espera a recompensa de Deus, concebe os alunos como filhos etc.

Embora o sentido de um enunciado decorra da possibilidade de que ele seja substituído por enunciados equivalentes na mesma formação discursiva, os efeitos de sentido provocados não serão necessariamente os mesmos, haja vista que cada enunciação está submetida a uma condição de produção específica. Fernandes (2007, p. 58-59) afirma que uma formação discursiva não se limita a uma época apenas: “em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, [...] possibilitando outros efeitos de sentido”. Considerando-se as movências dos sentidos e o fato de que os enunciados sempre se inscrevem num jogo de relações pautadas em elementos sociais, ideológicos e históricos determinantes, podemos ressaltar que, de acordo com o modo como as sociedades vão construindo suas subjetividades, analisamos os discursos, bem como as práticas de subjetivação que são exercidas nas mais diferentes esferas da sociedade.

Além disso, já que partimos do pressuposto de que os enunciados lexicográficos assumem características discursivas (e não palavras isoladas em poças de água paralítica, “em situação dicionária”, como ressalta João Cabral de Melo Neto na poesia “Rio sem discurso”) e os discursos estão sempre se movendo, sofrendo transformações para acompanhar as mudanças sociopolíticas que integram a vida humana, então “cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno voo” (GREGOLIN, 2001, p. 10). É nessa perspectiva que examinamos o conjunto de condições determinantes para a aparição de certos enunciados, sua estabilização, seu caráter “de verdade”, surgindo em um dado momento e em uma sociedade específica, ou seja, “o jogo das regras que determinam, em uma cultura, a aparição e o desaparecimento dos

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

346

enunciados, sua permanência e sua supressão, sua existência paradoxal de acontecimento” (GREGOLIN, 2001, p. 16).

Tal como ressaltamos nos discursos mencionados anteriormente, o enunciado lexicográfico da figura 1, extraído do *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1964), constituindo-se como um acontecimento discursivo, reflete as possibilidades enunciativas para a cristalização do significado dessa profissão.

Professor (ô), s. m. Aquêle que *professa* ou ensina uma ciência, uma arte; mestre; (fig.) homem perito ou adestrado; o que *professa* públicamente as verdades religiosas. (Flex.: *professôra, professôres, professôras*. Cf. *professoras, professora e professores*, do v. *professorar*.)
Professôra, s. f. Mulher que ensina ou que exerce o *professorado*; mestra. (Pl.: *professôras*. Cf. *professora e professoras*, do v. *professorar*.)

Figura 1 – Enunciado lexicográfico

Fonte: *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1964).

Observamos que os sentidos são diferentes conforme as diferentes formações discursivas, uma vez que existem determinações, características múltiplas de uma situação concreta, que condicionam a produção de um enunciado e que permeiam um processo discursivo. Dessa forma, o cruzamento de dizeres, provenientes das variadas esferas sociais, compõe o caráter interdiscursivo do verbete. O trecho “o que professa publicamente as verdades religiosas” corrobora a compreensão de que os enunciados, mesmo os lexicográficos, não podem ser considerados livres nem isolados, pois estão imersos em uma rede, na qual é possível identificar a presença de outros enunciados. Nesse caso, o discurso religioso atravessa o científico. Compreende-se que, tomado numa perspectiva discursiva, os significados que emergem do enunciado lexicográfico não são fixos, isto é, movem-se, sofrendo transformações de natureza social, histórica e política.

A partir da observação desse verbete, destacamos também uma particularidade no registro da entrada “professor”, inerente ao fato de que, embora seja característica dos dicionários registrar apenas os termos no singular e no masculino, isto é, não apresentam a flexão, nesse caso comparece o registro do feminino “professora”. Consideramos que a entrada desse termo com sua respectiva flexão de gênero indica

a força da feminização da profissão durante esse período³, o que corrobora os pressupostos aqui levantados: a palavra em situação dicionária não está fora da rede de enunciados que a constituem e que condicionam sua semantização.

A partir do anúncio publicitário da marca Faber Castel (Figura 2) – veiculado já no final da década de 60 –, verificamos que, também nesse gênero discursivo e nessa esfera linguística, há a materialização de uma interpretação acerca do gênero do profissional que exerce a função professor: *Hoje é o dia da professora*. O dia da mulher que exerce a função de ensinar.



Figura 2 - Anúncio publicitário da marca Faber Castel

Fonte: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1969/10/15/2//5169682>>.

Com base nisso, ressaltamos que o discurso, nas mais diversas circunstâncias, está inserido em uma rede que envolve, por um lado, o quadro das instituições em que é produzido, as quais possuem o poder de delimitá-lo, bem como os embates históricos e sociais que se cristalizam na sua materialização; e, por outro lado, o espaço que cada discurso configura para si mesmo no interior de uma rede discursiva. O efeito de sentido provocado por essa teia discursiva é resultante de um embate que se trava na trama da história de uma sociedade, uma vez que o discurso enunciado constitui-se como o espaço de confrontos materializados em acontecimentos discursivos. A produção dos sentidos

3 Enguita (1991) destaca o aumento significativo do número de mulheres exercendo o ofício de ensinar no início da década de 60: “O aumento proporcional da presença das mulheres no professorado tem sido espetacular e praticamente constante ao longo do tempo, muito acima de sua presença média na população ativa do país. Em 1957, as mulheres já eram 62,37% dos professores da escola primária; se nos fixarmos nos subgrupos do sistema atual mais assimiláveis àqueles vemos que hoje representam 85,91% do professorado do ciclo inicial e 68,14% do ciclo médio de E. G. B.” (ENGUITA, 1991, p. 42).

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

348

construídos nesse viés é resultante do embate discursivo que se estabelece na teia que mantém imbricadas história e sociedade, em uma lógica na qual perpassam as mentalidades de uma época e as influências que monitoram o pensamento e as formas de dizer daquele que enuncia. Grigoletto (2007, p. 129) afirma que “os lugares discursivos são construídos pelo sujeito na sua relação com a língua e a história. Mas essa discursivização só acontece porque há uma determinação da formação social que institui determinados lugares [...]”.

Ressaltamos, ainda, conforme Araújo (2004, p. 220), que

os enunciados são de natureza histórica, têm na história suas condições de emergência, que a língua e o sentido não esgotam. São produzidos por um dizer ou uma escrita registrados de alguma forma, portanto, com a materialidade específica, de tal modo que, apesar de únicos, podem ser repetidos, transformados, reativados. O que permite ligações com acontecimentos de outra ordem, quais sejam, fatores técnicos, econômicos, sociais e políticos.

Logo, são os elementos, as figuras, as temáticas dos quais se utiliza o enunciador que produzirão efeitos de sentido elucidados no próprio discurso e que se configuram como sua respectiva visão de mundo. Portanto, estabelecer sentido aos respectivos discursos, isto é, compreendê-los, significa apreender as suas várias possibilidades, estabelecendo relações (que produzem efeitos de sentido) com os diferentes processos de significação. Então, o ato de compreender não consiste necessariamente em atribuir sentidos, mas explicitar o modo como determinada manifestação discursiva produz sentidos.

A relação poder-saber-verdade na constituição dos discursos

Em *A ordem do discurso* – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, Michel Foucault apresenta uma análise acerca dos mecanismos de controle dos discursos que, de certa forma, delimitam as possibilidades enunciativas em cada época, em cada sociedade. Assim, todo discurso é controlado, perpassado por formas de poder e de repressão, e, por conseguinte, nem tudo pode ser dito por qualquer pessoa, em qualquer lugar e circunstância:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2009, p. 8-9).

Em cada parte de seu trabalho, Foucault apresenta um diferente procedimento que permite o controle dos discursos, os quais passam por formas como: a interdição que limita a enunciação do discurso, a temática apropriada para cada circunstância enunciativa, o valor de verdade, historicamente situado de cada discurso, a autoria etc. A concepção de verdade em Foucault não se desvincula da singularidade do acontecimento discursivo, por isso, em qualquer tempo, em qualquer espaço, há verdades cumprindo certas condições. Existem, nessa perspectiva, incisivos mecanismos de controle dos enunciados discursivos, permitindo ao analista reconhecer os modos de enunciação e os aspectos repressores e controladores que são colocados em jogo no exato momento da enunciação.

Considerando-se a eterna articulação entre poder e saber – um conduz ao outro e vice-versa –, bem como os mecanismos de construção de verdades, há, em Foucault, um estudo das diversas configurações dos instrumentos e das formas de apresentação do poder na sociedade ocidental que, inevitavelmente, constroem e fazem circular verdades, isto é, os procedimentos que autorizam um determinado enunciado ser ou não considerado verdadeiro.

A eficácia dos discursos e a proporção em que o poder, por intermédio deles, é exercido decorrem da sua correlação com os diversos campos de saber. Nesse sentido, é importante observar, na ordem do discurso, a existência de mecanismos internos e externos que fazem com que ele seja aceito e considerado verdadeiro.

A analítica de poder proposta por Foucault se desdobra sobre os pequenos poderes que se entrelaçam em todo o tecido social. Dessa forma, em vez de ampliar as análises em torno dos poderes exercidos pelo Estado, bem como da sua soberania, tal como propôs Marx, a genealogia foucaultiana ocupa-se de seus aparelhos, levando em conta que deles eclodem formas de dominação e de disciplina. Assim, embora não negue a existência das classes sociais, sua análise vai além da elaboração

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

350

econômica, uma vez que não considera o poder como uma coisa, não encontrado, portanto, em um lugar social específico. Para Foucault (2001, p. 174), a questão emergente é: “O que é o poder [...] – quais são em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variadas?”

Complementando o projeto de uma genealogia do saber, a genealogia do poder reflete o interesse de Foucault pelo poder considerado como elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como os sujeitos são constituídos na relação entre ambos. Conforme Roberto Machado em “Por uma genealogia do poder” (2001), a análise arqueológica procurou descrever a constituição das ciências a partir de uma inter-relação de saberes, do estabelecimento de uma rede conceitual que lhes cria o espaço de existência, deixando de lado as relações entre os saberes e as estruturas econômicas e políticas. A genealogia, por sua vez, é “a análise do porquê dos saberes, que pretende explicar sua existência e suas transformações, situando-o como peça de relações de poder ou incluindo-o em um dispositivo político” (MACHADO, 2001, p. 10).

Paniago (2005) discute acerca de como se dá a concepção foucaultiana de poder, ressaltando que tanto o poder quanto suas práticas se inserem e tomam corpo na obra de Foucault como um bem inalienável, caracterizado como algo inerente a toda e qualquer sociedade, não podendo ser encarado como algo essencialmente repressivo ou puramente negativo, uma vez que, voltando-se para o sujeito, produz valores e também transforma.

Visto dessa forma, podemos apontar, no anúncio seguinte (Figura 3), aspectos concernentes às relações de poder-saber que se manifestam na constituição de determinadas verdades.



Figura 3 – Anúncio publicitário da Escola de Canto

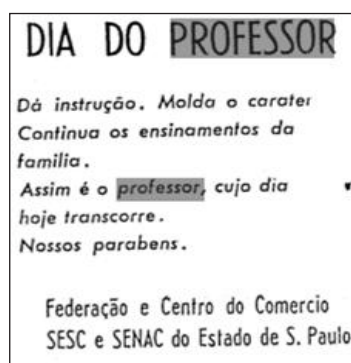
Fonte: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1963/05/07/2//4422183>>.

Nesse anúncio publicitário, é evidenciada uma imagem específica para o professor. Nesse caso, seu conhecimento é fator elementar – o

professor possui saberes adquiridos na Europa e nos Estados Unidos (fontes culturais bastante valorizadas em um país com pouca tradição cultural). Logo, sendo possuidor de saberes, tem o poder de provocar no outro – o aprendiz de canto – mudanças na sua colocação e empostação de voz. O professor está preparado para corrigir defeitos da voz.

Da mesma forma, a homenagem da Federação e do Centro do Comércio de São Paulo – Sesc e Senac –, observada na figura 4, oferece elementos para que reconheçamos nessa manifestação discursiva dados que confirmam os postulados foucaultianos acerca da relação saber-poder. Isto é, o professor, detentor dos saberes adequados, é que dá a instrução e molda o caráter de seus alunos.

Discurso,
sujeito e
História



351

Figura 4 – Homenagem do Sesc e Senac no Dia do Professor

Fonte: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1965/10/15/21//4436986>>.

Tendo em vista que, a partir da possibilidade de ação sobre a ação dos outros, organizam-se e definem-se múltiplas formas de poder, então, ao se analisar o poder, verifica-se o modo como o domínio de estratégias entre indivíduos ou grupos caracteriza-se como um conjunto de relações que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que se desenvolve e dos grupos sociais e épocas. Consequentemente, a dominação constitui-se como uma estrutura global de poder cujos reflexos e ramificações podem ser encontrados nas relações mais tênues da sociedade, o que culmina na ideia de que não há possibilidade de o sujeito escapar ou fugir dessas relações de poder.

Assim, considerando-se que, conforme Foucault (2001), os mecanismos e os efeitos dos diversos dispositivos de poder são exercidos nos diferentes níveis da sociedade e que, em busca do entendimento

Odália Bispo
de Souza
e Silva

Kátia Menezes
de Sousa

352

das relações de poder, é possível encontrar os sujeitos, entendemos que, para um estudo embasado numa proposta de análise discursiva, é fundamental analisar como as sociedades vão construindo suas subjetividades e examinar as práticas de subjetivação que são exercidas nos diferentes âmbitos sociais. Isto é, os sujeitos resultam de inúmeros processos de objetivação que ocorrem nas redes de poderes, que os capturam, fragmentam e classificam.

Considerações finais

Somente em decorrência de se tomar os enunciados na sua condição de acontecimento torna-se possível viabilizar análises que permitam explicitar a relação entre sujeito e história que comparece na emergência da enunciação. Independentemente do gênero discursivo e do suporte no qual o discurso é veiculado, são evidentes as determinações que direcionam o comparecimento de certos dizeres em dada época e em determinados lugares. Isto é, a cultura, os modos de produção e economia, os hábitos, a política, a igreja etc. influenciam não só na construção de valores sociais, mas também na construção de verdades e práticas. Assim, os enunciados, mesmo os lexicográficos, em que é possível reconhecer os modos de dizer de uma sociedade e os discursos que circulam em certas conjunturas históricas, não podem ser tomados como possuidores de sentidos neutros, nem se deve desconsiderar a existência de condições específicas de sua produção e as circunstâncias de sua enunciação.

Esperamos, por conseguinte, com esta rápida análise, evidenciando o fato de que os dizeres são semantizados em conformidade com elementos que escapam ao limite daquilo que está sendo materializado, contribuir para uma reflexão acerca do caráter discursivo dos enunciados, especificamente dos dizeres sobre o *professor*.

Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ENQUITA, Mariano F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 41-46, 1991.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 15 out. 1963, 1º caderno.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. Genealogia e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. p. 262-277.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: _____ et al. (Org.). **Análise do discurso**: entornos do sentido. Araraquara: Unesp, FCL Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p. 9-34.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKI, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise do discurso**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 123-134.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. p. 7-34.

NETO, João Cabral de Melo. **Rios sem discurso**. Disponível em: <<http://leiovejoeescuto.blogspot.com.br/2012/02/joao-cabral-de-melo-neto-rios-sem.html>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

PANIAGO, Maria de Lourdes. **Práticas discursivas de subjetivação no contexto escolar**. 2005. 346 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)-Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2005.

*Discurso,
sujeito e
História*

353

PEQUENO dicionário brasileiro de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

UNIÃO PAULISTA DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS. UPES. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 out. 1963, 1º caderno.

*Odália Bispo
de Souza
e Silva*

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

*Kátia Menezes
de Sousa*

354